

---

# Medievalismo en Extremadura

Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media

---

Jesús Cañas Murillo  
Fco. Javier Grande Quejigo  
José Roso Díaz (Eds.)

Medievalismo en Extremadura  
Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media



Cáceres  
2009

MEDIEVALISMO en Extremadura : Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media / Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz (Eds.). — Cáceres : Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2009

XXII, 1310 pp. ; 17 × 24 cm.

ISBN 978-84-7723-879-9

1. Literatura medieval-historia y crítica. I. Cañas Murillo, Jesús (Ed.). II. Grande Quejigo, Javier (Ed.). III. Roso Díaz, José (Ed.). IV. Título. V. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, ed.

82.09"04/15"

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, [www.cedro.org](http://www.cedro.org)) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



© Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo y José Roso Díaz, de la edición, 2009

© De los autores, 2009

© Universidad de Extremadura-Grupo "Barrantes Moñino", para esta 1.<sup>a</sup> edición, 2009

Ilustraciones de cubierta: miniaturas de cancioneros del siglo XIII (Biblioteca Vaticana y Biblioteca Nacional de Francia) recogidas en el libro de Martín de Riquer, *Vidas y retratos de trovadores. Textos y miniaturas del siglo XIII*. Barcelona, Círculo de Lectores-Galaxia Gutenberg, 1995.

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones

Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)

Tel. (927) 257 041; Fax (927) 257 046

E-mail: [publicac@unex.es](mailto:publicac@unex.es)

<http://www.unex.es/publicaciones>

I.S.B.N.: 978-84-7723-879-9

Depósito Legal: M-52.674-2009

Impreso en España - *Printed in Spain*

*Impresión:* Dosgraphic, s. l.

# EM TORNO DOS CONTRIBUTOS DO PADRE MÁRIO MARTINS PARA A LITERATURA MEDIEVAL\*

Maria Isabel Morán Cabanas  
*Universidade de Santiago de Compostela*

Em 2008 comemora-se o centenário do nascimento do Padre Mário Martins, autor de uma intensa e extensa obra no âmbito da cultura portuguesa, com particular ênfase para o período medieval e para a adopção de uma perspectiva interdisciplinar na exegese dos textos. O alcance da tese que está subjacente aos seus estudos é, com efeito, a existência de constantes no homem, considerado globalmente como ser vivo e possuidor de sentimentos e aspirações que em boa medida se revelam comuns a todos os tempos. O jesuíta tenta sempre evidenciar as relações e transferências de correntes de ideias e espiritualidade, conforme defende F. da Gama Caeiro:

Como o homem medieval experimentou e desenvolveu tão complexa teia de relações humanas, de volições e de vivências, e sobre aquela pode reflectir em plano especulativo, nos textos que nos legou: tal foi o objectivo prioritário da diuturna inquirição de Mário Martins. A Idade Média não será afinal a Idade Moderna, ou não terá esta, em suas estruturas, muito de medieval? É a partir deste temário que se desenvolvem algumas das principais abordagens de M. Martins –à semelhança do questionamento que outros medievalistas desenvolvem na actualidade, *v.g.*, em suas obras paradigmáticas, Jacques Le Goff ou Régine Pernoud. (1993: 444-445)

À finura crítica que se observa nos seus trabalhos alia-se uma vastíssima pesquisa de arquivo e de biblioteca (sobretudo da colecção dos códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa), o que o levou a pôr em destaque, em primeira mão, uma série de figuras e bases de pensamento, cuja importância intelectual antes seria insuspeitada ou avaliada de modo injusto. Aliás, a sua habilidade discursiva permitiu-lhe encontrar sempre os recursos mais adequados para o seu trabalho de ensaio, simultaneamente norteado para o leitor culto, em geral, ou para o especialista. Os seus livros e artigos sobre diferentes aspectos da Idade Média portuguesa foram publicados em editoriais e muitas revistas de orientação religiosa, consoante a formação que recebeu desde a sua adolescência no Seminário de Cucujães (Oliveira de Azeméis), destinado a preparar sacerdotes para as dioceses do Ultramar e do Padroado Português do Oriente<sup>1</sup>.

---

\* Esta comunicação liga-se ao Projecto de Investigação da USC: «A obra do Padre Mário Martins: um contributo central para as culturas galega e portuguesa», para o qual se tem solicitado financiamento da *Dirección Xeral de Investigación, Desenvolvemento e Innovación* da *Xunta de Galicia*.

<sup>1</sup> Junto com alguns intelectuais europeus como Urs von Balthasar, Jacques Leclercq ou Pierre l'Ermite, participou no inquérito *Por que me hice sacerdote*, publicado originariamente em castelhano, o qual inclui um relato autobiográfico sobre a sua vocação e os seus inícios de actividade sacerdotal (Sans Vila [dir.], 1959).

Com vinte anos decidiu ingressar na Companhia de Jesus, que naquele momento vivia no exílio, pois tinha sido expulso da pátria por um decreto do Governo Provisório da República em 1910. É por isso que começou o seu noviciado na casa de formação da Província Portuguesa em Santa Maria de Oia, na Galiza (Morán Cabanas, 2003: 474). Precisamente neste lugar iniciou o curso de estudos humanísticos, que teve de interromper quando em 1932 o governo da república espanhola também expulsou os jesuítas. Depois cursou filosofia em Guimarães e no antigo Instituto Superior de Filosofia Beato Miguel Carvalho, hoje Faculdade de Filosofia da Universidade Católica. A seguir a um breve período académico em que leccionou crítica literária, eloquência sagrada e matemática aos estudantes da Ordem em Alpendorada (Marco de Canaveses), inscreveu-se em 1937 na Faculdade de Teologia que os jesuítas franceses, igualmente obrigados a sair do seu país, possuíam na cidade belga de Einghein. Ali o surpreendeu a II Guerra Mundial, pelo que regressou a Portugal, onde concluiu os estudos teológicos e recebeu a ordenação sacerdotal em Braga em 1940, completando a sua preparação em Salamanca. Mais tarde ensinou metodologia histórica e paleografia na Faculdade de Filosofia de Braga e foi residir a Lisboa, instalando-se na chamada Casa de Escritores de S. Roberto Belarmino, especialmente destinada à redacção da revista *Brotéria*, na qual morou até à sua morte em 1990.

Com efeito, Mário Martins serve-se deste órgão de divulgação dirigido pela congregação de Inácio de Loyola para mais de cento e sessenta trabalhos sobre a cultura e espiritualidade medievais, seguindo sempre uma metodologia comparatista, tal como mais adiante comprovaremos. Para além de aparecerem muitos estudos seus em publicações periódicas do estrangeiro, grande número de artigos da sua autoria vêm a lume na *Revista Portuguesa de Filosofia*, que nasceu em 1945 como secção trimestral autonomizada de Ciências Filosóficas da *Brotéria*, desmembrando-se dois anos depois. Registamos com frequência a sua participação na *Lusitânia Sacra*, que surgiu vinculada ao Centro de Estudos de História Eclesiástica por iniciativa de vários especialistas de história da Igreja em Portugal durante a realização em Roma do X Congresso de Ciências Históricas, pertencendo desde então à comissão de redacção. Igualmente, a *Communio*, que se apresenta como a revista internacional do Catolicismo e cuja edição portuguesa depende da Associação de Teologia e Cultura Cristã, difundiu os seus saberes. Outrossim, a *Itinerarium*, ligada à Província Portuguesa dos Franciscanos, propagou os frutos das suas pesquisas, junto com a *Didaskalia*, a publicação da Faculdade de Teologia de Lisboa ou *Lúmen*, subtitulada «Revista de cultura do clero».

Colaborou com a *Revista de Guimarães*, que tinha nascido já em 1884 como órgão da Sociedade Martins Sarmento ou com a *Revista Lusitana*, vinda a lume cinco anos depois a fim de arquivar estudos etnológicos e filológicos, sob a direcção de J. Leite de Vasconcelos. Também a *Revista Portuguesa de História*, que foi criada como órgão do Instituto de História Económica e Social; a *Biblos*, preparada e editada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; ou a *Euphrosyne*, revista do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, são apenas alguns dos muitos meios em que expôs os resultados das suas investigações. Aliás, deixou-nos trabalhos em diversas colectâneas, como as *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* e actas de reuniões

científicas<sup>2</sup>. Também foi a ele que se confiou a tarefa de elaborar uma série de entradas para o *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira* (1960), dirigido por J. do Prado Coelho. Lembremos, entre outras, «Idade Média», «Alcobaça», «Alegoria», «Apologética», «Bestiários», «Cristo», «Hagiografia», «Horas, livros de», «Milagres, livros de», «Nossa Senhora»; «Ordens religiosas», ou «Patrologia».

Sirvam-nos todas essas menções para insistir na implicação de Mário Martins numa dinâmica de publicações frequentes que nunca abandonará. Na verdade, os seus livros constituem amiúde antologias de artigos já vindos a lume com anterioridade junto com outros inéditos, que qualifica como «treinos» para desenvolvimentos posteriores de maior envergadura (Pires, 1999: 515). Pense-se, por exemplo, no volume *Estudos de Literatura Medieval*, que reúne até quarenta trabalhos encabeçados por um prólogo que esclarece ao leitor sobre o conteúdo e no qual se explicita certa (auto-)consciência de assistemática, que se justifica nos seguintes termos:

Sondagens na literatura medieval portuguesa –assim poderíamos chamar a este conjunto de estudos. Talvez o título fosse de mau gosto, mas seria exacto. Efectivamente, ao escrevermos estas páginas, procurámos mergulhar até às raízes de certos problemas literários da nossa Idade Média, alguns deles com a aparência de ilhotas perdidas no *mare magnum* dos velhos códices adormecidos. Como na praia em que Robinson Crusoe [sic] deixou as primeiras pegadas humanas, também nós gostaríamos de deixar alguns traços da nossa passagem pelas páginas quase virgens de tantos destes livros. E nisto se resumem, praticamente, certos capítulos agora publicados –redigidos, por quem, uma vez por outra, teve a sensação (ilusória, quem sabe?) de encontrar, como o navegador espanhol, *algo de nuevo*.

À maneira de Ulisses, no mar sonoro, curvado sobre os remos e a navegar de praia em praia, assim andámos duma obra para outra, algumas delas fechadas no seu mistério de séculos. Interrogámo-las, como à esfinge, e nem sempre a resposta foi desanimadora (...).

Não vale a pena definir este livro, nem metê-lo nesta ou naquela categoria (...). Não é uma obra *planificada*, nem queríamos que o fosse, por agora. Mais tarde, faremos isso, num estudo de conjunto e de maior envergadura, como um paleontólogo que já encontrou todos os ossos dum mamute e pode, finalmente, constituir o esqueleto, num todo perfeito. (1956: 5-6)

Uma orientação similar a esta regista-se nos outros três volumes publicados como *Estudos de Cultura Medieval*, cuja extensão e variedade o obriga a lembrar a dificuldade de fazer classificações em terrenos ainda ermos, em que o processo de pesquisa nos pode conduzir dos dados mais evidentes até às informações mais inesperadas:

Em geral, ninguém o lê [o prólogo] porque gostamos de mergulhar de cabeça nas águas do rio, sem ouvir sermões nem conselhos paternos. Ainda assim, pedimos ao leitor que percorra este prólogo, ao menos em diagonal. Temos de explicar, por exemplo, ser impossível seguir sempre em linha recta, pois vivemos e agimos condicionados por mil circunstâncias, a marulhar dum lado e doutro. Resultado, vai à frente um livro que

<sup>2</sup> A *International Arthurian Society* prestou reconhecimento ao seu labor, assim como a Classe de Letras da *Academia das Ciências de Lisboa*, da qual foi sócio correspondente, sócio efectivo –em substituição do linguista Francisco Rebelo Gonçalves– e vice-presidente durante vários anos (Pita, 1975: 193-198); a *Academia Portuguesa de História*, que o fez académico de mérito; ou a *Associação Hispânica de Literatura Medieval*, que o nomeou membro de honra.

desejaríamos que fosse atrás. Ou então, fazemos descobertas que nos obrigam a tratar do mesmo assunto, com maior amplidão ou noutra sentido (...).

No rio, basta um outeiro para desviar as águas da linha recta. Um vale apertado obriga a corrente a despachar-se mais depressa. Esse vale pode ser um assunto que prevíamos longo e saiu curto. (1969-1983: 3, 7)

Mesmo na sua obra sobre *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa* (1975: 7) reconhece que este, como todos os nomes dos livros, implica fronteiras incertas, à maneira das ilhas, maiores ou menores, consoante as marés. Enfim, queremos aproveitar este (forçosamente) breve percurso pelas reflexões com que o jesuíta apresenta os seus trabalhos para ilustrar duas das constantes do seu discurso propedêutico sobre a Idade Média: 1. A denúncia do erro que supõe atribuir qualificações em modo absoluto a tal período, defendendo a necessidade de recorrer sempre a comparações entre manifestações da mesma ou de diferentes artes antes de falar de recorrências e excepcionalidades, tal como sublinha no artigo «É perigoso sintetizar a Idade Média» (1987a: 64); 2. A insistência na indispensabilidade de não considerar as épocas de modo estanque, mas numa contínua assimilação de heranças e de evoluções, advogando por um modelo espiralar ou espiraliforme quanto à periodização literária, o que lhe permite explicar coexistências, prolongamentos e repetições. Com efeito, em «Migrações dos tópicos e ideias literárias» declara logo no início:

Em rigor, os desertos medievais não existem em absoluto. E houve renascenças várias, algumas delas em grande estilo, como nos séculos XII e XIII, abrangendo boa parte da Europa culta. Por vezes, só fixamos ilhotas de vida isolada, ou pessoas, sobretudo poetas, juristas e pensadores, alguns deles manejando o latim clássico, mesmo no que chamamos a Idade das Trevas. Nada se extingue de todo e os tempos coexistem, como a Idade Média coexistiu (e com que força!) com a Renascença, no seio dela e para além dela, sem lhe impedir o caminho, antes dando-lhe uma vida, uma profundidade e uma diferencialidade que em nada a prejudicou. (1984b: 535-536)

Nas pesquisas de Mário Martins são complementar e cumulativamente percorridos itinerários que evidenciam a importância das inter-relações e transferências no âmbito histórico –destemporalização e migração tornam-se, *de facto*, palavras-chave na sua escrita. Pretende explicar a funcionalidade de todos os agentes da cultura, aproximando ideias e doutrinas de textos bastante diversos: explicações filosóficas; narrativas literárias, litúrgicas ou iconográficas; estruturas de mitos, lendas e rituais; arquétipos de versões arcaicas de poemas e de contos; etc. Desenha, assim, uma vasta e complexa rede de veios de espiritualidade entre Oriente e Ocidente, entre a Antiguidade e o Medieval, ou entre este e o tempo actual. Cabe sublinhar, entre muitas outras, a sua focagem das narrativas hagiográficas, explicitando a convicção do cariz altamente edificante dos relatos da vida de santos. Lembra-nos com ênfase o carácter transnacional da maioria dos textos conservados, que coincidem com os difundidos noutros lugares da Europa, tendo em conta algumas divergências quanto à produção e divulgação: a inexistência de manifestações de hagiografia vernácula em verso; a ausência de antecedentes de redacções laicas; e um atraso de quase cem anos face a outras literaturas na profusão de traduções.

Interessa-se pelas narrações hagiográficas portuguesas mais antigas, mas arquivadas apenas em cópias tardias: as *passiones* de mártires, de tradição hispânica, como

a dedicada aos lisbonenses Veríssimo, Máxima e Júlia. Para além de editar tal texto, em apêndice transcreve a legenda do *Flos Sanctorum* de 1513 e compara ambas as versões, antepondo uma erudita introdução sobre o tema. Com efeito, as traduções de prosa religiosa feitas na Idade Média foram campo predilecto das pesquisas de Mário Martins. Apenas por citar alguns exemplos, analisa as fontes da *Lenda de Barlaão e Josafá* e reflecte sobre o seu tratamento: estilo do discurso, selecção de elementos, etc. Passa também em revista a *Visão de túngulo* no seu percurso através de diversas línguas, reconhecendo a dificuldade de classificar tais «páginas pré-dantescas», que oscilam entre a lenda imaginária e a novela visionária. E examina o *Conto de Amaro* junto com a *Navigatio Sancti Brandani*, remetendo-nos para os códices em que aparecem e persuadindo-nos da sua importância como representações de viagens ao paraíso terreal sob o ponto de vista da sua recepção tanto pelos leitores medievais quanto a partir dos seus vestígios em obras posteriores.

Como acontece em todo o *corpus* bibliográfico de Mário Martins, as abordagens referidas acima encontram-se publicadas, com maiores ou menores alterações e acréscimos, em vários espaços, incluindo amiúde transcrições bem longas das diferentes versões conservadas, que são dispostas em colunas paralelas a fim de demonstrar e convencer o leitor das teses defendidas<sup>3</sup>. Concretamente, em relação às obras de teor apologético, cabe sublinhar o interesse do investigador pela *Corte imperial* como *summa* teológica através de um quadro alegórico em que aparece uma assembleia de gentios, judeus, muçulmanos e cristãos. Observa tal exemplo de literatura de polémica na Idade Média sob várias perspectivas, mas ponderando sobretudo a influência de Raimundo Lulo, que se descobre em capítulos de conteúdo filosófico e especulativo – e até se registam ali traduções literais dos seus textos<sup>4</sup>. Na verdade, a difusão das ideias deste malhorquino, junto com as de Nicolau de Lira e outras que se interpolam – pense-se, *verbi gratia*, em Ovídio ou Hermes Trismegisto – são objecto da atenção do jesuíta em reiteradas ocasiões. Aliás, do ambicioso projecto de construção de uma história da espiritualidade portuguesa que ele sempre teve em mente não podiam faltar as obras catequéticas, quer as inseridas numa tradição de textos confessionais, como o *Livro das Confissões* de Martim Perez ou o *Diálogo sobre a confissão e outros pontos da doutrina cristã* (chamado por Mário Martins *Dialogo de Robim e hum clérigo*, em função dos personagens intervenientes) quer a glosa dos dez mandamentos por S. Pedro Pascoal ou Pascasio, Bispo de Jaen<sup>5</sup>.

Às traduções de tratados que referem as directrizes disciplinares da Igreja dedica-lhes igualmente um considerável número de páginas, fornecendo dados relativos a

<sup>3</sup> O jesuíta deseja dar a conhecer os tesouros em latim, como língua menos acessível, embora não vacile em transcrever textos doutras línguas na sua forma moderna ou medieval. E, na verdade, o próprio carácter dos seus trabalhos exigiu-lhe certas retractações, frutos de novos dados por ele encontrados (Díaz, 1993: 445).

<sup>4</sup> As próprias palavras do autor na apresentação da obra medieval: «começo este livro nom como autor e achados das cousas em elle contehudas. Mais como simprez ajuntador dellas em hum uellume» originaram sucessivos estudos de especialistas acerca do reconhecimento das fontes ali utilizadas.

<sup>5</sup> Mário Martins revela a existência de uma versão portuguesa de tal tratadinho, escrito originariamente em castelhano: «segundo nos parece, até hoje ninguém identificou estas páginas arcaicas, nem mesmo o sabedor Frei Fortunato de S. Boaventura. E, no entanto, publicou-se nos Inéditos de Alcobça embora sem assinalar o autor deste pequeno opúsculo» (1956: 74-82).



códices, responsáveis da redacção e versão em português, conteúdos, objectivos, etc. E ilumina-nos sobre os reflexos do modelo cristológico e do texto bíblico, tais como *Vita Christhi* ou os *Autos dos Apóstolos*, título com que se imprimiu a segunda parte de uma obra de maior fôlego elaborada na Corte de Afonso X, a *Genesi Alfonsii*. Precisamente acerca do seu compilador, Bernardo de Brihuega, e do labor deste às ordens do rei Sábio estende-se Mário Martins, explicando o seu modo de proceder aqui e noutros casos. Aliás, ocupa-se dos livros que visam sobretudo a consolação da alma: *Orto do Esposo*, *Boosco Deleitoso*, *Castelo Perigoso* e *Vergel da Consolação*, quer focando a sua concepção alegórica quer comentando a sua autoria em diálogo/debate com outros estudiosos quer, ainda, analisando fontes e influências, particularmente as de Petrarca e S. Bernardo de Claraval.

O jesuíta segue também as pegadas dos Padres Apostólicos e, em geral, dos Santos Padres da Igreja quanto ao discurso de cariz teológico e filosófico no Portugal da Idade Média. Outrossim, merecem ser sublinhados os seus contributos para a história das ordens religiosas em Portugal, com especial referência para a actividade intelectual que desempenharam várias figuras na esteira dos seus fundadores, tais como Santo António (dos Franciscanos), Paio de Coimbra (dos Dominicanos), Álvaro Pais (dos Franciscanos), Tomás Escoto (egresso franciscano e dominicano) ou João Claro (do Cister), dedicando-lhes a algumas delas até um volume completo. Ora, estas questões deixaram ainda espaço na bibliografia de Mário Martins para certas abordagens do que podemos chamar «religiosidade popular», imersa num espaço oscilante entre a antropologia e um folclore que nos remete para práticas pré-cristãs e se concretiza em festas (as Maias) e formas de gratidão (os ex-votos). Reivindica o estudo de tais manifestações, examina as suas fontes e até rectifica abertamente informações: «Ao contrário do que afirma a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, o ex-voto português mais antigo que nós conhecemos não é de 1310. Com efeito, a *Vita Sancti Geraldi*, escrita por Bernardo, no sec. XII, fala-nos de muitas figurinhas de cera, junto do túmulo do santo arcebispo, conforme a doença de cada um e a graça a obter» (1960: 3). Deslocações a santuários, itinerários da Terra Santa e milagres relatados em latim e português (da Nossa Senhora de Oliveira, dos Mártires de Marrocos, do Santo Condestável, do Bom Jesus, etc.) são aspectos que revisita com entusiasmo em trabalhos esparsos e no seu livro *Peregrinações e Livros de Milagres da nossa Idade Média*: «uma literatura meio anónima em que o autor era legião» (1957<sup>2</sup>: 16).

Por outro lado, Mário Martins deteve-se na fortuna que a matéria de Bretanha conheceu em Portugal e repara na importância desses «livros de cavalaria ao divino» sob uma perspectiva literária, sócio-religiosa e (intra-)histórica. É mesmo a partir daí que pretende explicar os elementos intervenientes na configuração do herói medieval: «D. Quixote seria mais histórico que o rei Vamba, amortalhado na sua noite visigótica, e o D. Sebastião da lenda mais presente na história portuguesa que o D. Sebastião de carne e osso, com as suas proporções normais e que desapareceu em Alcácer Quibir» (1956: 37). Lembre-se que o jesuíta extraiu da *Demanda do Santo Graal* as aventuras de Galaaz, o cavaleiro mais puro da Távola Redonda, para (re) contá-las numa linguagem modernizada, salpicando-as com doses de humor e ironia e ilustrando-as com desenhos inspirados em iluminuras do ms. fr. 343 da Biblioteca

Nacional de Paris<sup>6</sup>. O próprio autor declara explicitamente que não quis fazer um resumo: «Isolamos a substância das aventuras em torno de Galaaz ou onde ele entra, mesmo de passagem (...). Galaaz e a sua circunstância, como diria Ortega y Gasset» (1982: 21). Na verdade, ele procura conciliar a fidelidade ao texto («Um medievalista não tem a liberdade criadora da ficção», adverte) com a sua participação pessoal e crítica a fim de deixar o leitor com a nostalgia de uma busca repassada de fé e mistério. A dedicatória é bastante esclarecedora: «À Civilização da Produção e Consumo oferece o Autor este livro que está no cabo do Mundo», um mundo em que os homens morriam pelos seus sonhos, se mediam pela sua honra e não se submetiam ao poder do materialismo (Pereira, 1983: 421-424).

Não é essa a única vez que o estudioso procura estratégias de aproximação das figuras e personagens medievais para as tornar presentes na imaginação. Veja-se, por exemplo, a comemoração do VII centenário da morte de Afonso X o Sábio, em que estabelece um diálogo «ao vivo» com o monarca, tratando-o familiarmente por tu:

Non sou nenhum estranho que te entra em casa. Tu, que na *General Estoira*, tanto racionalizaste Ovídio, talvez não saibas que el-rei D. João I, no seu Livro da Montaria, lançou mão precisamente dessa racionalização (...) Vou, então, falar contigo, como se voltasses a este mundo, após setecentos anos no outro (...). Dirão que a *General estoira*, apesar de o teu nome figurar no topo da capa, não a escreveste pessoalmente. Sim, como não foram os farás [sic] a construir eles mesmos as pirâmides. (1984c: 393-395)

Animado pelo desejo de explicar como o cristianismo procurou as pegadas de Deus no mundo das criaturas reflecte sobre a concepção alegórico-simbólica que se difundiu em enciclopédias medievais e bestiários, sem deixar de lado as considerações dos animais sob outros pontos de vista, com destaque para a falcoaria, alveitaria, cinopedia, etc. Ainda, o pesquisador rastreia o pensamento franciscano na prosa da Corte de Avis, fazendo algumas abordagens pioneiras sobre amor e casamento, relações familiares, etc., as quais o tornam uma referência incontornável para estudos posteriores. Também atenta em diversas ocasiões no sentimento cristão que se descobre na obra de Fernão Lopes, ao mesmo tempo que nos fornece dados para o estudo das relações luso-castelhanas através da comparação da sua escrita com a de López de Ayala (1969-1983: 3, 207-224).

Por sua vez, as pesquisas de Mário Martins sobre a dramaturgia de Gil Vicente e os espectáculos que a antecederam constituem um notável contributo para a (proto) história do teatro em Portugal. Neste sentido, deve salientar-se o seu interesse pelo saber clerical do autor, pela força do seu riso e pelas meditações do Mestre Gil em torno do tempo e da morte —«à filosofia necrótica», em palavras do jesuíta (1969-1983: 1, 213-295). Insta-nos particularmente a procurar as fontes de carácter iconográfico para a construção das Barcas e doutras peças em gravuras da dança macabra que aparecem nos Livros de Horas —os quais trazem, o Ofício Menor de Nossa Senhora

---

<sup>6</sup> As gravuras pertencem ao «engenho e arte» de Ermelinda Martins Pereira e seguem a substância e os pormenores típicos do manuscrito acima referido. Apesar da criação pessoal, tentou-se conservar a *alma* da Idade Média artística e mesmo certas convenções quase encantatórias. Por exemplo, uma ou duas árvores estilizadas a significar uma floresta.

e o Ofício de Defuntos–, insistindo em que sobram motivos para os historiadores atentarem na sua influência<sup>7</sup>. Dedicada, *de facto*, um exaustivo estudo ao *Livro de Horas* que pertenceu ao rei D. Duarte, que edita e considera chave para compreender outros exemplares do mesmo género, ensinando-nos «a situá-lo no seu tempo e no espaço por meios seguros, a fixar o núcleo essencial das Horas, a sua evolução e crescimento, a avaliar a sua importância para a história da poesia medieval, não só em latim, mas também em romance» (Carvalho, 1971: 232). Pode dizer-se que o jesuíta acompanhou os caminhos da poesia em Portugal ao longo da Idade Média, incluindo a redigida em latim rítmico pelo clero e por leigos sob um novo cânone de beleza que se afastava dos moldes clássicos. Abona, assim, exemplos impressos e outros inéditos de hinos, tropos e ofícios rimados, explicando as circunstâncias e razões do seu nascimento.

Ora, todas essas amostras de piedade não levam o investigador a esquecer as manifestações goliardescas que se estenderam do latim às literaturas em língua vulgar, das quais nos fornece uma vasta bibliografia activa e passiva. Em vários dos seus trabalhos foca o papel do jogral, o seu *status* socioprofissional, o seu (des)prestígio e os seus relacionamentos, tanto a partir da documentação oficial como dos próprios poemas. No tocante às cantigas galego-portuguesas, presta especial atenção à sátira e às formas que esta assume: desde a paródia à invectiva, ao sarcasmo e à ironia. São os textos de escárnio e mal-dizer que ocupam a maior parte da *Sátira na literatura medieval portuguesa (século XIII e XIV)*, em que o autor expõe paráfrases salpicadas de esclarecimentos pessoais, a que não faltam notas de humor ou de erudição. Por sua vez, não passa aqui despercebida a atitude polémica contra «hereges, pecadores e judeus incréus» (1977: 28) que se regista nas *Cantigas de Santa Maria* e noutras obras de teor didáctico-religioso. Lembre-se, ainda, que o ensaio referido se completa com *O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos*, pois Mário Martins, com aquela bagagem cultural que lhe permite descobrir as isotopias de uma tradição temática e formal compósita como a lusitana, vê aqui um prolongamento: «um reflexo da Idade Média católica, heróica e de língua muitas vezes desbragada» (1978: 12). Elsa Gonçalves qualifica tal volume como «estudo de costumes», já que os exemplos que nele se abonam são constituídos «não a partir de textos, mas das anedotas de que estes textos são testemunhos» (1979: 98). Para além das zombarias presentes em obras prosísticas diversas, o investigador comenta os cancioneiros castelhanos do século XV e o *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, em que assomam aspectos que serão mais explorados na literatura posterior. A análise mostra-se, então, notavelmente fecunda de resultados.

No que diz respeito à poesia sacra deste século, o jesuíta põe em destaque a obra de André Dias, frade dominicano, monge beneditino e bispo itinerante<sup>8</sup>. Deixou-nos

<sup>7</sup> Tenha-se em conta que Mário Martins nos remete sempre para a intersecção e interacção das artes, visando especialmente a música e as iluminuras, a que chama «pré-história da literatura aos quadradinhos» no seu livro sobre a Bíblia na literatura portuguesa: «Bastava ler os letrados. Aprendia-se muito em pouco tempo e em menor espaço (...). E ouvimos dizer, com certo exagero, que não há nada de novo debaixo do Sol» (1979: 117-120).

<sup>8</sup> Tal figura usou também os nomes de André de Escobar, André Hispano, André Dias de Lisboa, Andreas Ulixbonensis e mesmo foi conhecido como André de Rendufe, pois foi abade do Mosteiro de Santo André de Rendufe, pertencente à diocese de Braga.

vários escritos em latim e português que atestam a sua erudição a par de uma multiplicidade de interesses, sobressaindo as suas *Laudes e Cantigas Espirituais*. Estas constituem um cancionero divino, uma «obra única no género dentro da nossa Idade Media e a maior sobrevivência antiga da nossa poesia religiosa» (1951: 18), diz Mário Martins quando as colige, anota e comenta num volume publicado pelo mosteiro beneditino de Singeverga (Santo Tirso). Tais composições foram redigidas em Florença em 1435 e no título indica-se que «som trasladadas da linguagem florentina em linguagem portuguesa», o que não responde bem à verdade, pois apesar da intertextualidade entre elas e a poesia italiana ou das suas relações íntimas com o Laudário de Pisa, bastantes versos provêm da criação pessoalíssima do Mestre André ou resultam de uma adaptação conjunta desta e da poesia litúrgica latina que aparece, *verbi gratia*, nos Livros de Horas. Assim, tal códice representa um bom testemunho dos contactos literários entre Portugal e a Itália religiosa da época. Nele incluem-se sobretudo loas e prantos à Virgem, protagonista também do livro *Nossa Senhora nos Romances de Cavalaria do Santo Graal e nas Ladainhas medievais e quinhentistas*, espécimes da piedade que o investigador até apresenta, nalguns casos, com a correspondente notação musical (1988: 200-205).

Por outro lado, não podemos esquecer aqui a vontade do jesuíta por nos fazer ver os indícios da figuração medieval em toda a história da literatura universal, com particular menção para a composta em língua portuguesa. Neste sentido, focou reiteradamente os conceitos de amor e honra em dois romances de Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição* e *A Brasileira de Prazins*, a partir da comparação entre a mundividência das personagens do século XIX e a dominante em lendas e obras de cavalaria medieval a fim de demonstrar «a visão unificante do Homem e da História» (1984a: 173). Igualmente, devemos referir aqui o seu empenho em nos deslocar para a Idade Média através dos folhetos de cordel do Nordeste do Brasil, tendo em conta o seu conteúdo poético e o entorno social. Assim, parafraseia o discurso de Ariano Suassuna e explica que o poder central nem sempre conseguiu impor-se no sertão, derivando numa espécie de vida feudal, com a psicologia correspondente. A violência dos cangaceiros dalguns «coronéis» sertanejos obrigava o povo desvalido a unir-se a algum senhor-de-engenho, sob cujas ordens vivia e de quem tinha um pedaço de terra e o amparo em horas adversas. Nascia então um pequeno condado, com a residência senhorial a fazer de castelo e com tensões económicas, políticas e passionais. A injustiça e desonra lavavam-se com sangue, esbracejando por ali um mundo «cavalariano», em palavras do autor do *Romance d'A Pedra do Reino* e comentários de Mário Martins:

Os fazendeiros sertanejos são príncipes e reis. Os cantores (ou, melhor, cantadores) equivaliam a fidalgos e trovadores. E os cangaceiros são cavaleiros medievais, como os Doze Pares de França (...).

Metemo-nos dentro da pele dos nordestinos, desde as cidadezinhas sertanejas até aos pequenos agricultores e tendeiros mais ou menos perdidos no *oco do mundo*, aqui há uns anos, e não nos admiramos da sua paixão pela História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França e de como a liam por extenso. Ou então, ouviam-na cantar abreviadamente em verso. (1987b: 273)

Na verdade, são vários os trabalhos em que o jesuíta lança luz sobre a sobrevivência da epopeia carolíngia ou a existência de certo medievalismo tardio e tropical», eviden-

ciando sempre atentas leituras e um alto grau de actualização quanto à crítica literária portuguesa e brasileira que estuda tal diálogo intertemporal<sup>9</sup> –mesmo assinala alguns pontos que constituíam naquela altura «pesquisas por fazer» e que outros estudiosos levadas a cabo posteriormente.

Enfim, numerosas abordagens que Mário Martins faz nos seus quase vinte volumes e centenas de estudos esparsos sobre a cultura medieval ficaram por mencionar e comentar acima. Apenas nos foi possível fornecer brevemente algumas amostras em que se comprova o seu pioneirismo e como o método da comparação domina sempre o seu labor investigador, privilegiando-se a descoberta de fontes e a análise crítica destas. Conforme tal *modus operandi*, habitualmente registamos nos seus estudos debates sobre questões de autoria e datação, os quais estabelece a nível ibérico e europeu, tal como podemos verificar em referências que ele faz e/ou lhe são feitas em Portugal ou no estrangeiro. Aliás, sobressai a atenção que presta às condições de recepção dos textos na época da sua redacção e aos seus vestígios em vários tempos e/ou espaços geolinguísticos. Defende, assim, a necessidade da relativização da periodização e do estudo das inter-relações (Caeiro, 1991: 603), aproximando expressões de diferentes períodos e géneros, o que conduz amiúde a resultados surpreendentes. Neste sentido, trata de demonstrar a validade ética e estética dos heróis medievais, dos quais extrai lições para pô-las ao serviço do homem «de hoje».

Aborda também a sátira como género amplo e fugidio, que vai do sarcasmo grosseiro até à fina ironia, ao mesmo tempo que nos descortina contendas da vida social. Porém, preocupou-se sobretudo no exame do homem psicológico, revelando aí certa «parcialidade de religioso» que pode afectar à apreciação das suas pesquisas: «Este historiador jesuíta, com formação em filosofia e teologia, enuncia um discurso histórico de dentro da Igreja, sem uma nítida separação entre o historiador e o clérigo» (Berriel: no prelo). O estudioso brasileiro cujas palavras acabámos de citar propõe muito acertadamente uma releitura da sua obra e faz um elucidativo balanço dos seus contributos à luz das novas correntes da historiografia, salientando que o jesuíta «esmiuçou o simbólico –sem desconsiderar por completo o material–, escreveu sobre os sentimentos, sobre as visões acerca do corpo, sobre as alegorias e rituais, enfim, deixou para os historiadores contemporâneos um vasto material propenso à abordagem antropológica» (no prelo). Não cabe dúvida que a investigação de Mário Martins veio preencher lacunas e a fundamentar trabalhos ulteriores nesta e noutras direcções. E, ainda, a cada passo descobrimos em toda a sua escrita um «projecto de convívio com o leitor» (Dionísio, 1991: 207) e as pegadas de uma vocação de criador literário –lembre-se que publicou duas colecções de contos (*Pão Amargo* e *o Homem e a Ilha*) e, quando faleceu, tinha em preparação uma terceira com alguns textos já antes apresentados em revistas.

<sup>9</sup> Precisamente desses olhares sobre a história trazida à contemporaneidade através da ficção fazem parte a maioria das epígrafes que Mário Martins coloca com frequência nos seus escritos –Eça de Queirós e Fernando Pessoa, por exemplo, são dois dos autores que mais evoca–, e as resenhas de livros tais como *Adivinhas de Pedro e Inês*, que Agustina Bessa-Luís publica em 1983 sobre a «rainha depois de morta», cujos funerais foram revisitados criticamente pelo jesuíta alguns anos antes (1975: 98-102).

## BIBLIOGRAFIA

- Berriel, M. Santiago (no prelo): «As especificidades da cultura medieval portuguesa: a contribuição dos estudos de Mário Martins», *Ideias*.
- Caeiro, F. da Gama: «Mário Martins e a cultura medieval portuguesa», separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47, 4, Outubro/Dezembro 1991.
- : «Martins, Mário Gonçalves», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 444-445.
- Carvalho, J. A.: «Mário Martins, *Guia Geral das Horas del-Rei D. Duarte*», *Revista da Faculdade de Letras-Série de História*, 2, 1971, pp. 232-235.
- Díaz y Díaz, C.: «Martins, Mário Gonçalves», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 444-445.
- Dionísio, J.: «Mário Martins (1908-1990). Um convívio», *Colóquio/Letras*, 119, Jan. 1991, pp. 207-208.
- Gonçalves, E.: «Mário Martins, *A Sátira na literatura medieval. Mário Martins, O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos*, *Colóquio/Letras*, 52, Novembro 1979, pp. 97-99.
- Leite, A.: «Padre Mário Martins. 1908-1990: in memoriam», *Brotéria*, 31, 1990, pp. 243-254.
- Martins, M.: *Laudes e cantigas espirituais do Mestre André Dias*, Negrelos, Mosteiro de Singeverga, 1951.
- : *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956.
- : *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, Lisboa, Brotéria, 1957<sup>2</sup>.
- : «Ex-votos na Idade Média portuguesa», separata das *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos*, 3, 1960.
- : *Introdução à vidência do tempo e da morte*, Braga, Livraria Cruz, 1969, 2 vols.
- : *Estudos de Cultura Medieval*, Lisboa, Verbo, 1969-1983, 3 vols.
- : *Alegorias, símbolos e exemplos morais na literatura medieval portuguesa*, Lisboa, Brotéria, 1975.
- : *A sátira na literatura medieval portuguesa (Séculos XIII e XIV)*, Lisboa, ICALP, 1977.
- : *O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos*, Lisboa, ICALP, 1978.
- : *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, Lisboa, ICAL, 1979.
- : *Vida e morte de Galaaz*, Lisboa, Brotéria, 1982.
- : «Mariana e a mulher-virgem de Tristão», *Brotéria*, 118, 1984, pp. 164-173.
- : «Migração dos tópicos e ideias literárias», *Brotéria*, 118, 1984, pp. 535-540.
- : «No centenário da morte de Afonso X, o Sábio», *Brotéria*, 119, 1984, pp. 393-395.
- : «É perigoso sintetizar a Idade Média», *Brotéria*, 125, 1987, pp. 59-64.
- : «Roldão-menino na cantoria dos sertanejos do Brasil», *Brotéria*, 125, 1987, pp. 268-275.
- : *Nossa Senhora nos Romances de Cavalaria do Santo Graal e nas Ladainhas medievais e quinhentistas*, Braga, Magnificat, 1988.
- Morán Cabanas, M. I.: «A Brotéria, presença espanhola e deambular ibérico», in *Fé, Ciência, Cultura. Brotéria—Cem Anos*, Lisboa, Grádiva, 2003, pp. 467-492.
- Pereira, L. da Silva: «Vida e morte de Galaaz. Um livro desconcertante», *Brotéria*, 116, 1983, pp. 421-424.
- Pires, Alves: «Martins (Mário Gonçalves)», in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa-São Paulo, Verbo, 1999, vol. 3, pp. 514-516.
- Pita, P.: «Discurso de recepção ao P. Dr. Mário Martins, novo académico de número da Classe de Letras», *Memórias Academia Ciências. Letras*, 16, 1975, pp. 193-198.
- Sans Vila, J. y R. (dirs.): *Por qué me hice sacerdote*, Salamanca, Sígueme, 1959.